



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

Sem URL

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2022 by UNICAMP/IA. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

FORA DE ONDE? PERFORMOPALESTRA EM PROCESSO DE CRIAÇÃO

**Pamella de Caprio Villanova
Gina Monge Aguilar
Verônica Fabrini**

Resumo

Quando você joga algo fora... joga fora de onde? Vamos conversar sobre esse mito chamado descarte, que estrutura nossa relação com as matérias? Sem opor mito e realidade, podemos devanear sobre as histórias dos descartados?

Este texto se apresentará como dramaturgia da comunicação performativa que foi compartilhada durante o IX Congresso da ABRACE. Trata-se de um trecho da atual pesquisa de doutorado em Artes da Cena na Unicamp, com orientação da Profa Dra Gina Monge Aguilar e co-orientação da Profa Dra Verônica Fabrini, intitulada atualmente como “Fora de onde? Teatro e arte educação ambiental em tempos de crise”. Contextualizado na crise do novo coronavírus, este texto se refere à edição virtual do Congresso Anual da ABRACE, momento em que a comunicação performativa da pesquisa da atriz de teatro aconteceu no formato audiovisual.

Será explorado um formato híbrido entre uma apresentação teatral-audiovisual e uma palestra, entre texto acadêmico e dramaturgia. Sobre as referências, podemos citar estudos sobre a consciência do antropoceno; sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos - Lei número 12.305/2010; o livro “Ecología política de la basura. Pensando los residuos desde el Sur”; além de consultas aos portais do MNCR – Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis e documentos sobre o caminho do lixo na cidade de Campinas/SP.

Palavras-chave: Performopalestra; arte educação ambiental; lixo; antropoceno.

Abstract

When you throw something out... you throw it out from where? Let's talk about this myth called discard, which structures our relationship with materials? Without opposing myth and reality, can we daydream about the stories of the discarded?

This text will be presented as a dramaturgy of the performative communication that was shared during the XI ABRACE Congress. This is an excerpt from the current doctoral research in Performing Arts at the State University of Campinas, under the supervision of Prof. Dr Gina Monge Aguilar and co-supervision of Prof. Dr Verônica Fabrini, currently entitled “Out of where? Theater and art environmental education in times of crisis”. Contextualized in the crisis of the new coronavirus, this text refers to the virtual edition of the ABRACE Annual Congress, when the performative communication of the theater actress's research took place in audiovisual format.

A hybrid format between a theatrical-audiovisual presentation and a lecture, between academic text and dramaturgy, will be explored. About the references, we can mention studies on the Anthropocene consciousness; on the Brazilian National Solid Waste Policy - Law number 12.305/2010; the book “Ecología política de la basura. Pensando los residuos desde el Sur”; in addition to consultations with the portals of the MNCR – National Movement of Recyclable Collectors and documents about the garbage path in the city of Campinas/SP.

Keywords: Perfoconference; art environment education; waste; anthropocene.

Convido você a um caminho pouco usual neste contexto de anais de congresso. A partir do próximo parágrafo, vamos iniciar um formato híbrido que pretende comunicar saberes acadêmicos, mas também polissemias de imagens poéticas. As palavras entre parêntese e em itálico são as rubricas, comuns em textos dramáticos, que se referem a indicações sobre ações e outros detalhes da cena. A rubrica também aparece como uma personagem, como experimento de recurso para permitir maior acessibilidade às imagens apresentadas. As palavras escritas em letras maiúsculas indicam o nome da personagem que fala. Todas as personagens aqui descritas foram interpretadas por uma atriz pesquisadora, que também trabalhou com edição audiovisual na pós-produção. Este material é um trecho de um trecho de um capítulo da tese de doutorado em Artes da Cena que será entregue em 2025, trata-se portanto da abertura de um processo de pesquisa e criação artística, no contato com questões da problemática do lixo neste antropoceno.

(toca o terceiro sinal, sobre o pano)

TLAZOLTÉOLT¹: Olá, podem chegar que já está começando.

RUBRICA: No corredor de entrada do Ponto de Cultura Quintal Garatuja, uma parede amarela, ela aparece, com a boca pintada de cor preta, segurando uma vassoura, diz:

TLAZOLTÉOLT: Afinal, quando eu joga alguma coisa fora, eu joga fora de onde? (repete) Afinal, quando eu joga algo fora, eu joga fora de onde?

RUBRICA: Ela está usando um batom preto, simbolizando o betume. Também segura uma vassoura. Essa figura é inspirada em uma deusa huasteca, incorporada também pela cultura asteca. Tlazoltéotl é a deusa da imundície, da sujeira, ela come a sujeira e a transforma, pu-

rifica. A boca pintada de preto simboliza o betume, que é matéria já decomposta. Ela é também uma deusa relacionada ao parto e à fertilidade. Esta imagem que recepciona vocês aqui hoje é um convite a pensar em nossos descartes como matérias ricas, que geram riquezas.

TLAZOLTÉOLT: Vamos entrar?

RUBRICA (anuncia): Entra em cena a dona de casa, ela está lavando louças, em uma pia com azulejinhos azuis ao fundo.

DONA DE CASA: Opa! Pode chegar, pode vim... eu estou lavando uma loucinha aqui, vocês não se importam, né? Mas não tem problema, não, eu vou lavando e a gente vai conversando, tá bom? (enquanto fala vai lavando alguns copos, pratos e embalagens de plástico) Sabe que eu acho que até tem a ver? Essa loucinha aqui que eu vou lavar, esses recicláveis, pra conversa que a gente vai ter... eu acho que vai ter a ver, da gente conversar aqui na pia... (percebe) Ah gente, esqueci de me apresentar, louca! Eu sou a dona de casa, prazer. Olha, veja bem, não as donas de casas, só uma delas, tá bom? (pausa) Outro dia eu estava fazendo isso - lavando uma a louça - aí uma amiga minha me fez essa pergunta aí. (pausa) Foi assim, eu falei: amiga, faz um favor para mim? Joga não sei que lá fora...; ela virou e falou assim: mas amiga, fora de onde? Aí eu falei: ai, amiga pega o saco, põe na rua, joga fora na rua. Aí ela: amiga, fora de onde?

RUBRICA: Começa a se dar conta...

DONA DE CASA: Eu falei: ai amiga, não sei, alguém passa, pega e leva... Aí ela falou: mas leva para onde, amiga?

RUBRICA: Pausadamente

DONA DE CASA: Eu não sei, amiga... na verdade eu não sei... (pausa) E desde que ela me fez essa pergunta que a gente começou a pesquisar. E desde então eu comecei a perce-

1 Encontrei a deusa Tlazoltéotl na abertura do livro “Ecología política de la basura: pensando los residuos desde el Sur”. Ela está na capa do livro. A organizadora a apresenta antes do índice, da seguinte forma: “Tlazoltéotl es la diosa huasteca de la *inmundicia*, la *fertilidad* y *fecundidad*. Se piensa que es la que se come la suciedad, la purificadora, la confesora, la que perdona los pecados. Es una diosa relacionada con las actividades agrarias, con la limpieza de la tierra, el resurgir de la vegetación y las cosechas, también se la define como *diosa madre y tierra* o *madre tierra*; recientemente se ha convertido en símbolo del poder y del dolor de parto. La utilizamos como portada del libro, en tanto reivindica los metabolismos agrarios y circulares, así como el trabajo reproductivo de limpieza y siembra, antítesis de los metabolismos industriales y capitalistas” (SOLIZ, 2017, p. 5).

ber que: se eu enxaguar os recicláveis daqui de casa, secar, armazenar, até guardar um pouquinho, eu sempre consigo dar destino para os recicláveis de casa. Sempre. Toda vez. Sabe? Eu posso levar aqui no ecoponto, aqui perto de casa na cooperativa ou o pessoal passa aqui na frente de casa, pega e leva... mas toda vez dá certo! Nossa, se eu entrar em aplicativo! O povo vem de carro buscar aqui em casa, é impressionante. (enxagua um saco de fubá vazio) Porque aqui em casa ainda não pasta coleta seletiva da prefeitura, né. Nem da empresa lá que fechou com a prefeitura. E eu fico chocada toda vez que eu percebo que o meu lixo é riqueza e sustento para algumas famílias.

(A imagem da Dona de Casa vai escurecendo aos poucos, entra um fundo amarelo com o título “Fora de onde?” a autora fala)

AUTORA: A pergunta central da pesquisa neste momento é: fora de onde? É essa pergunta que minha amiga fez lá atrás, que fica ecoando aqui e que me faz pensar sobre muitos assuntos... Tá, beleza, jogamos fora, a gente sabe que o significa, tudo bem, tranquila. Mas (ênfase) onde é esse fora? Vai para qual lugar? Fisicamente mesmo, vai para onde? O que acontece com os descartados? Quais as histórias de futuro dos descartados? Convido vocês agora a darmos um passeio de balão. Saindo daqui da porta de casa. É um balão grátis que a gente pode pegar aqui, vamos? É o balão do Google. Na verdade não é grátis, mas eu ainda não sei dizer o preço. (aparecem imagens de satélite: uma rua na cidade de Campinas, no estado de São Paulo) Então vamos que a gente já está aqui mesmo. Eu queria levar vocês para dar uma olhadinha nesses “ondes” que são os “foras”.

AUTORA: Aqui a gente sai de casa e pode sobrevoar esse rio que é o Piçarrão. (as imagens de satélite vão acompanhando a narração, seguindo o curso do Ribeirão do Piçarrão) Vamos seguindo ele... até chegar aqui... Opa! passamos por uma mineradora. Oba, boa tarde, bom? (vemos imagens da mineradora, registradas pelo satélite) Olha, que buracão fundo, né? Quanta brita deve ter saído daqui para subir esse tanto de prédio na metrópole... Alá, o buracão! (pequena pausa. Depois

continua) Atravessando a rodovia a gente chega em um aterro sanitário desativado. Aqui foi o primeiro aterro da cidade de Campinas que fica no estado de São Paulo que fica no Brasil. Esse aqui é o Aterro Santa Bárbara, que funcionou de 1984 até 1992. Vamos tomar um instante para observar esse “fora”? (pausa) Quanta brita que saiu da mineradora será que está aqui nesse aterro?

AUTORA (continua depois de uma pequena pausa): Agora vamos seguir pelo Córrego do Piçarrão... mais um pouquinho e chegamos na continuação dessa história. Quando o aterro Santa Bárbara foi desativado, o “fora” virou aqui ó: o Aterro Delta A, que ficou na ativa por muito tempo - talvez ainda esteja, eu não sei bem. Vamos perceber um pouco esse fora aqui? (pausa) Mas o último saquinho de lixo que saiu daqui de casa veio para aqui, ó: no aterro de Paulínia. Aqui está aterrado o último saquinho (de plástico) descartado daqui de casa. Aqui mesmo, nesse “fora” aqui.

AUTORA (continua depois de uma pequena pausa): E antes disso, antes de ter aterro sanitário aqui em Campinas, teve um lixão conhecido como “lixão da Pirelli”. Pelo que entendi foi o primeiro local destinado especialmente para depósito de lixo. Um lugar escolhido, definido, um “fora” bem determinado - fora do que, né? Hoje a cidade ocupou todo o entorno do antigo lixão, que ainda é um problema ambiental, que é cheio de problemas de contaminação ao seu redor.

AUTORA: E antes, antes ainda, lá no final do século XIX, o lixão, o vazadouro da cidade era aqui onde hoje é a Praça Carlos Gomes. Esse lugar era uma área alagada, pantanosa, já era um pouco afastada das ruas centrais e o povo jogava os seus descartados aqui. (faz um comentário) Seus descartados - claro que não eram copinhos de plástico, né gente? O plástico ainda nem existia. Isso foi antes da noção de germes se popularizar. (mostrando imagens da praça) Hoje a praça é assim: nem um pouco alagada, no centrão da cidade, cheia de árvores enormes e um coreto. Aqui já foi um “fora” também.

AUTORA (continua, enquanto na tela aparecem imagens da praça e depois da região central da cidade) Mas então essa pergunta “fora de onde?” também leva a gente a um outro tipo de viagem que é sobre os caminhos sistêmicos para resolução desse problema gigante: (fala comentando, muito afetada) tá, não tem fora para jogar, as coisas estão aqui, a gente vive gerando lixo, o que que nós vamos fazer? (tenta concluir alguma coisa, com intenção séria, enquanto na tela a imagem de satélite vai ficando mais distante de Campinas, até se ver o planeta Terra) Por hoje, aqui no início desse processo de pesquisa de doutorado em artes da cena pela Unicamp, com orientação da Professora Doutora Gina Monge Aguilar e co-orientação da Professora Doutora Verônica Fabrini, temos mais perguntas do que respostas. Mas eu convido vocês a nos aprofundarmos mais sobre essa dimensão sistêmica do problema, exercitar esse olhar global para a problemática do lixo.

Talvez vocês possam me ajudar a enxergar dispositivos forma-conteúdo para encarar essa crise. Vamos voltar lá para o Garatuja que a deusa já está esperando a gente (na tela, as imagens de satélite voltam para Campinas).

RUBRICA (anuncia): A deusa:

TLAZOLTÉOLT: Vocês do futuro têm um problema sério que é a mudança no perfil dos resíduos. A gente antes tinha que cuidar de matéria orgânica, até ferro, metal, mas esses que a gente tirava da superfície. Agora, (a voz vai procurando lugares profundos no corpo para ecoar) vocês cavam, buscam fundo da terra, procuram pelo que está protegido por camadas e camadas de solo para transformar - com sua magia industrial - em produtos descartáveis... e depois? Depois jogar fora. Que bobagem, fora de onde?

RUBRICA (referencia): Inspiração em palavras do indígena Yanomami Davi Kopenawa no livro “A queda do céu” (KOPENAWA; ALBERT, 2015).

RUBRICA (anuncia): Entra em cena uma pesquisadora. Sentada, com figurinos pendurados em araras atrás de mim, eu sou uma pesquisadora.

PESQUISADORA: Hoje, em 2021, há um movimento de várias áreas do conhecimento afirmando que vivemos em uma era geológica chamada antropoceno. Esse termo mesmo está em disputa, há muita discussão sobre ele. (na tela aparecem as palavras “Antropoceno?” e “Capitaloceno?”) O que importa para nós aqui é a percepção de que a produção em escala industrial de materiais feitos a partir da extração desses metais do fundo da terra gera impacto no próprio solo. (pausa) E aí está um problema contemporâneo: cuidar dos resíduos, cada vez em maior quantidade e compostos por muitos materiais que levam séculos para se decompor. Não basta encaminhar mais para longe dos centros urbanos.

PESQUISADORA (continua): Em 2010, nós tivemos a aprovação da Lei Nº 12305/10, a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Um marco que institui uma série de obrigações dos poderes públicos e indústrias com a gestão dos resíduos (ela começa a citar um trecho de livro).

Essa lei avança no reconhecimento do papel estratégico dos catadores e catadoras organizadas nas associações e cooperativas. A categoria é mencionada onze vezes, resultado da organização do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), que foi criado em 2001 e das redes e fóruns da sociedade civil, que começaram a se estruturar no final dos anos noventa (Schneider et al, 2017, p. 184).

PESQUISADORA (conclui): As catadoras e catadores de material reciclável realizam um serviço fundamental para nossas cidades e a triste realidade que ainda está no dia a dia dos nossos centros urbanos em 2021, é que esse trabalho é invisível e quando é visto é desvalorizado, muitas vezes considerado indigno. O serviço de recolher os materiais, fazer a triagem e encaminhar para reciclagem precisa urgentemente, não só ser valorizado do ponto de vista social, mas também ser remunerado. Isso mesmo, é justo que as pessoas recebam pelo serviço de coleta e triagem e não só pela venda dos materiais.

(na tela, a imagem da pesquisadora vai saindo em fade out e a imagem da deusa vai entrando em fade in)

TLAZOLTÉOLT: Afinal, quando eu joga alguma coisa fora, eu joga fora de onde?

VILLANOVA, Pamella de Caprio; AGUILAR, Gina Monge; FABRINI, Verônica. **Fora de onde? Performopalestra em processo de criação.** Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP; Instituto de Artes –IA/UNICAMP; Doutorado em Artes da Cena – IA/UNICAMP; Gina Monge Aguilar; Verônica Fabrini.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº12.305/2010 (**Política Nacional de Resíduos Sólidos**). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12305.htm. Acesso em: ago. 2019.

EIGENHEER, Emílio Maciel. 2009. **Lixo, a limpeza urbana através dos tempos**. Lixo e limpeza urbana: entender para educar. Disponível em: <http://www.lixoe-educacao.uerj.br/imagens/pdf/ahistoriadolixo.pdf>.

FARIA, Bruna Fernanda de. **A influência das áreas de disposição de resíduos sólidos da cidade de Campinas, SP na qualidade das águas: determinação de metais empregando a fluorescência de raios X por reflexão total com radiação síncrotron** / Bruna Fernanda de Faria. --Campinas, SP: [s.n.], 2012.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Ana Godoy e Mara Verônica. **ClimaCom – Vulnerabilidade**, ano 3, n.5, abr. 2016, p. 139-148. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>

JAQUES, Demajorovic; LIMA, Márcia. **Cadeia de reciclagem: um olhar para os catadores**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2013.

KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés; Prefácio Eduardo Viveiros de Castro, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KLEIN, C. “Teocuitlatl, ‘Divine Excrement’: The Significance of ‘Holy Shit’ in Ancient Mexico. **Art Journal**, Vol. 52, No. 3, Scatological Art (Autumn, 1993), p. 20-27.

SOLÍZ, Maria Fernanda (coord.). **Ecología Política de la Basura: pensando los residuos desde el Sur**. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2017.

Schneider, D. LEITE, C. GRIMBERG, C. Cambios de paradigma en la gestión de residuos sólidos en Brasil: nuevas responsabilidades y desafíos. In: **Ecología Política de la Basura: pensando los residuos desde el Sur**. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2017.

Domínios da internet

MNCR, Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/>. Acesso em: 2 fev. 2021.

REFERÊNCIAS

Prefeitura Municipal de Campinas. Conheça Campinas: Praça Carlos Gomes. Disponível em: <https://conheca.campinas.sp.gov.br/pois/867>. Acesso em: 2 maio 2021.

República de Campinas. Praça Carlos Gomes: tributo à criação. Disponível em: <http://republicadecampinas.com.br/2017/07/25/praca-carlos-gomes-tributo-criacao/>. Acesso em: 2 maio 2021.

Sacred Tours of Mexico. Tlazolteotl: The Goddess of Filth. Disponível em: <https://sacredtoursofmexico.com/tlazolteotl-the-goddess-of-filth/>. Acesso em: 28 jul. 2021.